

# A educação religiosa na universidade medieval

RUY NUNES

Na sua grande obra *As Universidades da Europa na Idade Média*, Hastings Rashdall cometeu um grave erro de interpretação, por falta de informação, em virtude de grave incompreensão de certos fatos da vida na Idade Média. Ao tratar da educação religiosa dos estudantes da Faculdade de Artes, que acolhia os alunos mais numerosos e jovens da universidade, ele afirma que, devido a uma concepção errônea do caráter "religioso" das universidades medievais, pareceria não ser errado frisar que a universidade medieval proporcionava escassa educação religiosa ao futuro padre, pois não havia relação entre os estudos do "artista" — o aluno da Faculdade de Artes — e o trabalho de ordem eclesiástica, sobre não ter o "artista" nenhum conhecimento teológico, afora o recebido num sermão universitário, e por não se aplicar ao estudo da Bíblia. Nessas afirmações, começa por haver uma confusão de planos, o da formação sacerdotal e o da educação religiosa do "artista", e um certo anacronismo na visão dos recursos metodológicos para os estudos bíblicos.

Antes do aparecimento das universidades, os candidatos ao sacerdócio, quando pertencentes ao clero diocesano ou secular, faziam os seus estudos teológicos nas escolas episcopais ou catedrais e, se eram monges, nas escolas internas dos mosteiros, e nestas últimas o estudo da Bíblia era tradicionalmente profundo. Após o surgimento das universidades, muitos candidatos ao sacerdócio, após terminarem a Faculdade de Artes, cursavam a Faculdade de Teologia, onde os estudos eram prolongados, e nos quais se liam e comentavam os livros da Bíblia. Quem não cursasse a Faculdade de Teologia ultimava os estudos teológicos na escola episcopal e, após a fundação das Ordens Mendicantes, num Estudo conventual, particularmente dominicano. Desde o período carolíngio, a Igreja zelou de modo especial pela formação dos sacerdotes e, na fase mais árdua pela qual esta passou, devido à ingerência dos senhores feudais na vida eclesiástica, ela tomou providências nos concílios, principalmente nos de Latrão III e IV, a fim de assegurar a educação dos futuros padres diocesanos. Aliás, a formação religiosa dos párocos foi um grande problema durante a Idade Média, devido à intromissão dos nobres nos negócios da Igreja, já que eles impunham às paróquias e às abadias prepostos fiéis aos seus desígnios de açambarcar as rendas eclesiásticas.

O aluno da Faculdade de Artes pertencia a uma nação que tinha os seus padroeiros festivamente celebrados. Aulas, reuniões e festas universitárias ocorriam em igrejas e conventos. A participação na Santa Missa durante a semana não era obrigação compulsória, mas prática recomendável, e os sinos convidavam os alunos e os fiéis para o culto, antes do início das aulas, de madrugada. Os estatutos do New College, em Oxford, exigiam dos estudantes a assistência diária da Missa. Durante a sua celebração, tal como hoje, faziam-se leituras bíblicas no decurso de todo o ano litúrgico, acompanhadas de explicações e da leitura dos comentários bíblicos escritos pelos Santos Padres. Essa celebração do ano litúrgico constituía então, e forma ainda hoje, um contínuo e lento processo de instrução religiosa, sobre haver na universidade medieval a solene comemoração religiosa dos domingos e dos numerosos dias de solenidades litúrgicas, com ativa celebração das vigílias. Ademais, a educação religiosa não se restringe à leitura da Bíblia, mas implica o conhecimento das doutrinas da Igreja Católica, a vida de oração, a participação nos sacramentos, o combate aos vícios e a prática das obras de misericórdia corporal e espiritual.

A Bíblia só começou a ser divulgada facilmente após a invenção da imprensa por Gutenberg, na metade

do século XV, no fim da Idade Média. Antes do aparecimento da tipografia, a cópia de uma Bíblia era caríssima e o medievalista protestante Charles Homer Haskins reconhece que ela ficava acorrentada às estantes nas igrejas, devido ao perigo de ser roubada. Durante a Idade Média não havia imprensa, nem livros e jornais. A cultura popular se transmitia oralmente e a fé, como diz São Paulo, se propagava ex-auditu, através do ouvido. Quando a profissão de copista atraiu mais aderentes, após a fundação das universidades, ficou mais fácil a aquisição de exemplares separados dos Evangelhos de S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João ou de todo o Novo Testamento. Os alunos da Faculdade de Artes, e os fiéis em geral, ouviam a leitura dos livros sagrados durante as cerimônias religiosas e contemplavam nas paredes e nos vitrais das igrejas as cenas mais importantes do Antigo e do Novo Testamento. Na primeira Idade Média, as pinturas das paredes constituíam uma "pregação muda" das verdades da fé, como, por exemplo, as de Saint-Jean de Müstair com 20 representações do Antigo Testamento e 62 do Evangelho, ou as de Saint Georges d'Oberzel na ilha de Reichenau e, após o século XII, as pinturas, a estatuária e os vitrais piedosos e didáticos das esplêndidas catedrais. Desse modo, através da arte, a Igreja instruíu os fiéis. Seria, pois, um anacronismo indesculpável pretender da Igreja, na Idade Média, o uso de processos educativos religiosos que implicassem a existência da tipografia, de livros numerosos e baratos.

Além do sermão proferido nas missas durante a semana, nos domingos e nos dias de festa, havia o sermão universitário, parte integrante do ensino na Faculdade de Teologia e componente do programa de exame dos candidatos. No fim do século XIII, os sermões universitários eram pronunciados nos dias em que não havia aula na Faculdade de Teologia; no domingo, quando era feriado escolar para todas as faculdades, e nos numerosíssimos dias festivos do calendário litúrgico. Quando um mestre fazia o sermão na missa matutina, devia fazer uma conferência, de tarde, sobre o mesmo assunto, para os alunos que não haviam comparecido à celebração da manhã.

O exame dos estatutos do Colégio Ave Maria, em Paris (de 1342 a 1346), revela o cuidado que se tinha quanto à educação religiosa e moral de meninos dos oito aos 16 anos, e que estudavam gramática e lógica, antes de cursarem a Faculdade de Artes ou de se consagrarem a estudos teológicos que os levassem à ordenação sacerdotal, se tal fosse o desejo e a vocação deles. A formação no Ave Maria era sobretudo religiosa e a vida de oração, intensa. O capelão e os mestres, que recebiam um salário pelo seu trabalho, eram meticulosamente escolhidos. As mulheres que prestavam serviço no colégio deviam ser idosas e morigeradas; as horas e os dias de oração comum eram minuciosamente fixados, prescrevendo-se a distribuição de esmolas em dias determinados. Os estatutos do colégio parisiense Ave Maria constituem um documento precioso e eloquente, a respeito da educação religiosa de meninos que estudavam gramática e lógica, e logo se tornariam "artistas".

Na população cosmopolita e vasta das universidades medievais existiam, evidentemente, numerosos abusos e deficiências quanto à vida religiosa, mas no fim do século XX, com todos os recursos propiciados pela ciência e pela tecnologia, pela imprensa e pelos outros meios de comunicação, não estamos a ver pretensas universidades católicas, onde muitos alunos jamais recebem instrução religiosa, e onde o ambiente é muito mais adverso à fé católica do que na Idade Média? Muitas dessas escolas são hoje verdadeiro campo de ação missionária a desafiar os apóstolos.